ISSN: 2358-8829

A FALTA DE LEITURA NO ENSINO BÁSICO E SEUS IMPACTOS

José Gabriel da Silva [1]
Profa. Dra. Virgínia Palmeira Moreira [2]
Profa. Dra. Roberta de Granville Barboza [3]

INTRODUÇÃO

A leitura constitui uma prática fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, pois possibilita a compreensão de informações, a construção de conhecimentos e o desenvolvimento do pensamento crítico. No ensino básico, sua importância ultrapassa a aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que a interpretação de textos, enunciados, documentos e diferentes formas de linguagem é necessária à apropriação dos conhecimentos nas diversas áreas curriculares. Entretanto, as dificuldades relacionadas à leitura permanecem como um desafio educacional, especialmente quando consideradas as desigualdades sociais e as condições de acesso a recursos culturais e pedagógicos.

A escolha dessa temática surgiu a partir das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitaram o contato com a realidade da educação básica e a reflexão sobre os desafios enfrentados pelos estudantes no desenvolvimento da leitura. Essa aproximação evidenciou a necessidade de compreender a problemática para além da ideia de que os alunos simplesmente não gostam de ler ou não demonstram interesse pelas atividades escolares, considerando também as condições em que suas práticas leitoras se desenvolvem.

Nesse sentido, a leitura não deve ser compreendida apenas como decodificação de palavras, mas como uma prática que envolve interpretação, produção de sentidos e relação com o contexto social. Oliveira (2025) destaca a influência de fatores socioeconômicos, culturais e familiares nas experiências de aprendizagem, contribuindo para compreender que as oportunidades de contato com materiais escritos e de desenvolvimento da leitura não são iguais para todos os estudantes. Essa perspectiva não significa atribuir as dificuldades exclusivamente

[1]Graduando do Curso de História da Associação Caruaruense de Ensino Superior - ASCES-UNITA, 2024139261@app.asces.edu.br;
[2] Professora supervisora do Erem Professor Lisboa, virginiapalmeira.adv@gmail.com;
[3] Professora orientadora da ASCES-UNITA e ESEF-UPE, robertagranville@asces.edu.br.

às condições sociais, mas reconhecer que elas podem interferir no acesso a recursos e experiências que favorecem a formação de leitores.

Além das condições extraescolares, as práticas pedagógicas desempenham papel importante nesse processo. Bitencourt (2013), ao discutir a leitura no contexto escolar, aponta limitações relacionadas ao incentivo à leitura, ao suporte metodológico e à diversidade de atividades desenvolvidas nas instituições de ensino. Essa discussão evidencia a importância de práticas pedagógicas planejadas e contínuas, que ampliem o contato dos estudantes com diferentes gêneros textuais e promovam a compreensão, a interpretação e a construção autônoma de sentidos. Assim, a escola não deve apenas exigir que os alunos leiam, mas criar oportunidades para que a leitura se torne uma experiência significativa de aprendizagem.

A formação leitora também envolve o acesso a espaços e profissionais que favoreçam a aproximação entre estudantes e materiais escritos. Moçambite, Santos e Marquez (2025) ressaltam a relevância da biblioteca escolar e da atuação do bibliotecário na mediação da leitura, destacando a importância de ações articuladas com os demais profissionais da educação. Desse modo, a biblioteca pode contribuir para ampliar as experiências culturais dos estudantes, desde que esteja integrada ao cotidiano escolar e desenvolva ações que estimulem a descoberta, a interpretação e o compartilhamento de leituras.

Outro aspecto relevante diz respeito às transformações nas formas de comunicação e acesso à informação provocadas pelas tecnologias digitais. Ipiranga (2019), ao discutir a leitura, a literatura e a formação do leitor no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), contribui para a reflexão sobre os desafios de desenvolver práticas leitoras em uma sociedade marcada pela circulação rápida de informações e pela presença de diferentes linguagens. Embora as tecnologias possam disputar a atenção dos estudantes e representar desafios para a leitura prolongada, não devem ser consideradas responsáveis, isoladamente, pelas dificuldades existentes. Seu uso também pode ampliar o acesso a textos e recursos educativos, desde que acompanhado de intencionalidade pedagógica e de ações voltadas à formação crítica.

A dimensão social da leitura também merece destaque. Informações divulgadas pelo Senado Federal, na matéria de Rocha (2025), contribuem para situar a discussão sobre os hábitos de leitura e as dificuldades de compreensão no contexto brasileiro. Esses dados reforçam a relevância de investigar a questão para além do espaço escolar, embora devam ser interpretados conforme o público e os indicadores considerados pela pesquisa original. Nessa perspectiva, formar leitores não significa apenas melhorar o desempenho em avaliações, mas favorecer a capacidade de interpretar informações, avaliar diferentes perspectivas e participar

de maneira consciente da sociedade. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Freire (2024), para quem a educação está relacionada à conscientização e à compreensão crítica da realidade.

Diante desse cenário, a falta de leitura e as dificuldades de compreensão textual precisam ser analisadas como uma problemática educacional e social que envolve diferentes fatores. Quando os estudantes encontram obstáculos para interpretar textos, podem enfrentar dificuldades na aprendizagem de conteúdos de diversas disciplinas, na realização de pesquisas e na construção de conhecimentos. Ao mesmo tempo, a formação leitora está relacionada ao desenvolvimento da autonomia intelectual e à participação social, o que torna necessário refletir sobre as condições e as práticas que favorecem ou dificultam esse processo.

Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar os desafios relacionados à prática da leitura entre estudantes da educação básica, especialmente da rede pública de ensino, buscando compreender seus impactos no processo de ensino-aprendizagem e na formação crítica e social. Especificamente, pretende discutir a importância da leitura para o desenvolvimento escolar e social, identificar fatores sociais e escolares associados às dificuldades leitoras e refletir sobre o papel da escola, das bibliotecas e das práticas pedagógicas no incentivo à leitura.

A pesquisa parte do seguinte questionamento: quais fatores estão associados às dificuldades relacionadas à leitura entre estudantes da educação básica e de que maneira esses desafios repercutem no processo de ensino-aprendizagem e na formação crítica e social? Parte-se do entendimento de que essas dificuldades não podem ser explicadas exclusivamente pelo comportamento ou pelo interesse individual dos estudantes, pois envolvem condições sociais, culturais e educacionais que precisam ser consideradas de forma articulada.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa (Minayo, 1998) e caráter exploratório, tendo como objeto de investigação os desafios relacionados às práticas de leitura na educação básica e seus possíveis impactos no processo de ensino-aprendizagem e na formação crítica e social dos estudantes. A pesquisa bibliográfica (Gil, 2002) foi adotada por possibilitar o levantamento, a seleção e a análise de produções acadêmicas que discutem a leitura no contexto educacional, permitindo identificar diferentes perspectivas teóricas e estabelecer relações entre os fatores associados às dificuldades leitoras. A abordagem qualitativa mostrou-se pertinente por privilegiar a interpretação dos argumentos,

ISSN: 2358-8829

das discussões e das contribuições presentes nas fontes consultadas, em vez de se limitar à quantificação de leitores ou de dificuldades de aprendizagem. Por sua vez, o caráter exploratório está relacionado à intenção de ampliar a compreensão sobre a complexidade do fenômeno investigado, identificando aspectos que contribuem para a discussão de seus condicionantes e de suas repercussões educacionais e sociais.

O levantamento bibliográfico foi realizado mediante consultas ao Google Acadêmico e à Scientific Electronic Library Online (SciELO), além da consideração de materiais disponíveis em repositórios institucionais e publicações oficiais de órgãos governamentais. As buscas foram orientadas por termos relacionados ao objeto de estudo, entre os quais “leitura”, “educação”, “escola pública” e “História”. Essas expressões foram utilizadas para localizar produções que abordassem o desenvolvimento das práticas leitoras, as dificuldades de compreensão textual, as condições socioculturais dos estudantes, o papel da escola na formação de leitores e as possibilidades de intervenção pedagógica. Os materiais institucionais e oficiais foram considerados especialmente para contextualizar a problemática no cenário educacional e social brasileiro, respeitando-se a natureza e a finalidade de cada fonte.

A seleção dos materiais considerou sua relação com o tema e com os objetivos da investigação, priorizando produções que contribuíssem para compreender as dificuldades relacionadas à leitura na educação básica e os fatores associados a esse processo. Foram considerados, nesse sentido, estudos sobre práticas pedagógicas de leitura, condições sociais e familiares, acesso a recursos culturais, atuação das bibliotecas escolares, mediação da leitura e influência das tecnologias digitais nas experiências contemporâneas de leitura. Também foram utilizados dados e informações institucionais pertinentes à contextualização da problemática. A análise procurou estabelecer relações entre essas diferentes dimensões, evitando compreender as dificuldades leitoras como resultado de uma causa isolada.

Após o levantamento e a seleção das fontes, realizou-se a leitura do material identificado, buscando reconhecer os argumentos centrais, as contribuições teóricas e os aspectos relacionados à questão de pesquisa. O conteúdo foi organizado em eixos temáticos definidos a partir dos objetivos do trabalho e das questões recorrentes nas produções consultadas. O primeiro eixo contemplou as condições sociais, culturais e familiares associadas às práticas de leitura; o segundo abordou as práticas pedagógicas e o papel da escola no desenvolvimento da compreensão leitora; o terceiro examinou a função das bibliotecas escolares e da mediação da leitura; e o quarto discutiu as relações entre tecnologias digitais, concentração, compreensão textual e formação de leitores. Essa organização possibilitou reunir

contribuições convergentes, identificar relações entre os fatores discutidos e desenvolver uma interpretação articulada da problemática investigada.

Os dados institucionais foram considerados como elementos de contextualização, sem serem tratados isoladamente como explicação causal das dificuldades de leitura. Do mesmo modo, as tecnologias digitais foram analisadas como parte das transformações contemporâneas nas práticas de acesso à informação, considerando tanto os desafios que podem apresentar à concentração quanto suas possibilidades de utilização pedagógica.

Cabe esclarecer que as experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) contribuíram para a aproximação inicial com a temática e para a formulação do problema investigado. Entretanto, essas experiências não constituíram procedimentos de coleta de dados empíricos para este estudo.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, seus resultados estão condicionados ao conjunto de fontes selecionadas e ao alcance das discussões nelas desenvolvidas, não permitindo generalizações empíricas sobre todos os estudantes ou contextos escolares. Essa delimitação orienta a interpretação dos resultados e reforça a importância de investigações futuras que aprofundem as relações entre práticas de leitura, condições sociais e experiências pedagógicas em diferentes realidades educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções acadêmicas e dos materiais institucionais selecionados permitiu compreender que as dificuldades relacionadas à leitura entre estudantes da educação básica, especialmente no contexto da escola pública, constituem uma problemática multifatorial. Os estudos examinados indicam que a formação de leitores não depende exclusivamente do interesse individual dos estudantes, mas envolve a articulação entre condições sociais e culturais, experiências familiares, práticas pedagógicas, acesso a materiais de leitura e oportunidades de mediação no ambiente escolar. A interpretação do material bibliográfico foi organizada em quatro eixos temáticos: as condições sociais, culturais e familiares; as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola; o papel das bibliotecas escolares e da mediação da leitura; e as relações entre tecnologias digitais, concentração e compreensão textual.

As condições sociais, culturais e familiares e suas relações com a formação de leitores

A literatura analisada evidencia que as condições sociais, culturais e familiares influenciam as oportunidades de formação de leitores. Oliveira (2025) destaca a relação entre fatores socioeconômicos, estrutura familiar, acesso a recursos e desempenho escolar. Assim, as

ISSN: 2358-8829

dificuldades de leitura não devem ser atribuídas exclusivamente à falta de interesse ou esforço dos estudantes, pois essa interpretação desconsidera as desigualdades que podem restringir o acesso aos livros e a experiências culturais diversificadas. Nesse contexto, a escola assume papel fundamental na ampliação dessas oportunidades e no desenvolvimento das capacidades de compreensão e interpretação.

É importante, entretanto, não estabelecer uma relação automática entre vulnerabilidade socioeconômica e dificuldade de leitura, uma vez que as condições sociais não determinam a capacidade de aprendizagem. O desafio consiste em reconhecer as diferentes experiências e práticas leitoras dos estudantes, incluindo o contato com mensagens em celulares, publicações em redes sociais e histórias em quadrinhos, como observa Oliveira (2025). Embora essas práticas representem formas de contato com a linguagem escrita, não garantem, necessariamente, domínio de habilidades mais complexas, como interpretar informações implícitas, compreender vocabulários específicos e analisar textos extensos. Portanto, é necessário considerar não apenas se os estudantes leem, mas quais textos acessam, em que condições e quais oportunidades possuem para ampliar seu repertório textual e cultural.

As dificuldades de compreensão textual também repercutem na aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento. Na disciplina de História, por exemplo, interpretar documentos, identificar perspectivas, compreender relações temporais e analisar fontes exige contextualização e construção de interpretações fundamentadas. De modo semelhante, outros componentes curriculares dependem da leitura para a compreensão de enunciados, conceitos e instruções. Isso não significa que todos os problemas de aprendizagem decorram de dificuldades leitoras, mas evidencia que seu desenvolvimento constitui uma responsabilidade compartilhada pela comunidade escolar, e não exclusiva da disciplina de Língua Portuguesa.

Além da dimensão escolar, a leitura contribui para interpretar informações, avaliar argumentos, reconhecer diferentes perspectivas e participar da vida social. Dessa forma, as desigualdades nas oportunidades de formação leitora também constituem uma questão de cidadania. Seu enfrentamento exige práticas pedagógicas que valorizem as experiências dos estudantes, ampliem suas possibilidades de acesso à leitura e reconheçam os limites estruturais que podem afetar a aprendizagem, sem responsabilizá-los individualmente por essas dificuldades.

As práticas pedagógicas escolares e os desafios para o desenvolvimento da leitura

O segundo eixo de análise aborda a responsabilidade da escola na formação de leitores e a necessidade de refletir criticamente sobre as práticas pedagógicas adotadas. Bitencourt (2013), ao analisar práticas de leitura em escolas públicas, aponta limitações relacionadas à

escassez de atividades de incentivo, ao suporte metodológico e à elaboração de projetos de formação leitora. A autora também questiona o predomínio do livro didático e as poucas oportunidades de contato com diferentes gêneros textuais, evidenciando que a presença da leitura no cotidiano escolar não garante, por si só, uma aprendizagem significativa.

Quando vinculada apenas à resolução de exercícios ou à localização de respostas previamente determinadas, a leitura pode limitar o desenvolvimento de interpretações próprias, a articulação entre textos e a construção de posicionamentos críticos. Isso não significa desconsiderar a importância do livro didático e das atividades de compreensão, mas reconhecer que eles não devem constituir as únicas experiências oferecidas aos estudantes. A formação de leitores exige planejamento, continuidade e diversidade, com acesso a textos literários, informativos, jornalísticos, históricos e outros gêneros que favoreçam a formulação de perguntas, a análise de argumentos e a relação entre os conteúdos e a realidade.

Nesse processo, a mediação docente é fundamental. Cabe ao professor contextualizar os textos, esclarecer vocabulários, estimular inferências, promover discussões e acompanhar as dificuldades dos estudantes, criando condições para o desenvolvimento progressivo da autonomia leitora, sem substituir suas interpretações. A discussão de Ipiranga (2019) sobre literatura, leitura, leitor e escola no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) também contribui para compreender a importância de considerar as transformações culturais e comunicacionais no planejamento educacional, contemplando não apenas o acesso à informação, mas sua compreensão e análise crítica.

Esses estudos indicam que o enfrentamento das dificuldades de leitura requer examinar não somente as características dos estudantes, mas também as condições pedagógicas oferecidas pela escola. É necessário verificar se as atividades favorecem a participação, contemplam diferentes experiências culturais, apresentam continuidade e contam com o apoio necessário ao trabalho docente. Assim, a responsabilidade institucional vai além de cobrar maior frequência de leitura: envolve criar oportunidades concretas, integrar essa prática aos diferentes componentes curriculares e acompanhar os avanços e as dificuldades de aprendizagem, deslocando o foco da culpabilização individual para as condições educacionais necessárias à formação de leitores.

As bibliotecas escolares e a mediação no acesso à leitura

A existência de um espaço destinado ao acervo é importante, mas não assegura, isoladamente, que os estudantes desenvolvam o hábito da leitura. Para que a biblioteca participe efetivamente do processo educativo, é necessário que seu acervo, sua organização e suas

ISSN: 2358-8829

atividades estejam articulados às necessidades dos estudantes e ao projeto pedagógico da escola.

Moçambite, Santos e Marquez (2025), ao discutirem os impactos da ausência de bibliotecários no incentivo à leitura na biblioteca escolar, destacam a importância da atuação desse profissional na mediação entre estudantes, livros e diferentes fontes de informação. Essa contribuição permite compreender que a biblioteca não deve ser reduzida a um local de armazenamento e organização de materiais, pois pode constituir um ambiente de descoberta, circulação de conhecimentos e aproximação com diferentes experiências de leitura.

A atuação do bibliotecário, em articulação com professores e demais profissionais da educação, pode contribuir para a seleção e a divulgação de obras, a orientação dos estudantes na busca por informações e a realização de atividades que aproximem a leitura de seus interesses. Projetos de leitura compartilhada, rodas de conversa sobre livros, apresentações de obras e ações interdisciplinares são possibilidades pedagógicas que podem ser planejadas de acordo com as condições e os recursos disponíveis em cada instituição.

A biblioteca também pode ampliar as oportunidades de contato com materiais que os estudantes nem sempre encontram em seus ambientes familiares. Essa possibilidade assume importância particular em contextos nos quais o acesso a livros e a outros recursos culturais é limitado. Entretanto, é importante reconhecer que a disponibilização de acervos precisa ser acompanhada de ações de mediação, divulgação e integração ao cotidiano escolar. Um espaço pouco utilizado ou desvinculado do planejamento pedagógico pode não alcançar todo o seu potencial formativo.

A discussão evidencia, assim, que o incentivo à leitura depende da combinação entre acesso, mediação e continuidade das experiências. Não basta recomendar livros ou disponibilizar um acervo: é necessário criar condições para que os estudantes conheçam as obras, escolham materiais, compartilhem impressões e reconheçam a leitura como uma prática que pode produzir conhecimento, prazer e reflexão.

Nesse sentido, a biblioteca deve ser compreendida como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem. Sua articulação com os componentes curriculares pode contribuir para ampliar as possibilidades de pesquisa, fortalecer a autonomia dos estudantes e desenvolver habilidades de localização, seleção e interpretação de informações. Para isso, é importante que a instituição reconheça a relevância dos profissionais responsáveis pela mediação e promova ações colaborativas entre biblioteca, professores e estudantes.

Os estudos analisados, portanto, reforçam que as dificuldades de leitura não podem ser enfrentadas exclusivamente por meio de atividades realizadas em sala de aula. A formação de

leitores demanda espaços, materiais, profissionais e práticas que ampliem as experiências culturais dos estudantes. A biblioteca escolar, quando integrada ao projeto educativo, pode desempenhar papel significativo nesse processo, embora sua contribuição dependa das condições concretas de funcionamento e das estratégias adotadas pela instituição.

As tecnologias digitais, a concentração e a formação de leitores críticos

O quarto eixo aborda a relação entre tecnologias digitais e práticas de leitura. A presença de celulares, redes sociais, vídeos curtos, jogos e plataformas digitais transforma as formas de acesso à informação e de comunicação, influenciando as experiências cotidianas dos estudantes. Esse contexto apresenta desafios para a escola, especialmente quando atividades de leitura que exigem atenção prolongada e interpretação aprofundada coexistem com ambientes digitais marcados pela rapidez e pela alternância constante de estímulos.

Ipiranga (2019) contribui para essa discussão ao abordar os desafios da leitura e da formação do leitor em uma sociedade caracterizada pela circulação rápida de informações e pela presença expressiva de imagens. Essa transformação exige que a escola reflita sobre as práticas de leitura que desenvolve e sobre as maneiras de preparar os estudantes para compreender diferentes linguagens e avaliar criticamente os conteúdos a que têm acesso.

A dificuldade de concentração, mencionada na discussão apresentada pelo Senado Federal (Rocha, 2025), também aparece como um aspecto relevante para compreender os desafios contemporâneos da leitura. Entretanto, os dados institucionais precisam ser interpretados considerando seus limites e o contexto da pesquisa que os produziu. Eles ajudam a situar a problemática em um cenário social mais amplo, mas não permitem concluir, isoladamente, que o uso das tecnologias seja a causa direta das dificuldades de leitura dos estudantes da educação básica.

Essa distinção é fundamental. A coexistência entre o uso frequente de dispositivos digitais e dificuldades de compreensão textual não comprova, por si só, uma relação causal. A formação leitora envolve fatores sociais, culturais, pedagógicos e individuais, de modo que atribuir os problemas exclusivamente às telas simplificaria uma questão que a literatura analisada apresenta como multifatorial.

Além disso, a leitura realizada em ambientes digitais não deve ser desconsiderada. Mensagens, notícias, publicações, textos informativos e outros conteúdos acessados por meio de dispositivos eletrônicos também mobilizam práticas de leitura. A questão pedagógica consiste em compreender como essas experiências podem ser aproveitadas para ampliar o repertório dos estudantes e desenvolver capacidades de interpretação, análise e avaliação das informações.

ISSN: 2358-8829

As tecnologias podem, portanto, representar tanto desafios quanto possibilidades para a educação. Quando utilizadas de forma intencional, podem favorecer o acesso a textos, obras digitais, bibliotecas virtuais e diferentes fontes de informação. Também podem apoiar atividades que articulem leitura, pesquisa, produção textual e discussão coletiva. Para isso, é necessário que o uso desses recursos esteja vinculado a objetivos pedagógicos claros, e não seja considerado automaticamente positivo apenas por incorporar ferramentas digitais ao ambiente escolar.

A formação de leitores críticos exige que os estudantes aprendam a distinguir informações confiáveis de conteúdos duvidosos, reconhecer pontos de vista, identificar argumentos e compreender como os textos são produzidos e divulgados. Essas competências são importantes tanto na leitura impressa quanto na digital. Assim, o desafio da escola não consiste simplesmente em substituir telas por livros, mas em desenvolver práticas que promovam leitura atenta, compreensão profunda e uso responsável das informações em diferentes suportes.

A análise também indica a importância de não estabelecer uma oposição rígida entre leitura impressa e digital. Cada suporte apresenta características próprias e pode atender a diferentes objetivos. A escola precisa ampliar as possibilidades de contato com textos e ensinar os estudantes a selecionar estratégias de leitura de acordo com o gênero, o propósito e a situação comunicativa. Desse modo, a tecnologia pode ser incorporada como recurso complementar à formação leitora, sem substituir a necessidade de desenvolver concentração, compreensão e reflexão.

Portanto, as transformações tecnológicas precisam ser consideradas no planejamento pedagógico, mas não devem servir como explicação única para a falta de leitura. O enfrentamento das dificuldades exige compreender como os estudantes leem, quais desafios encontram e que intervenções podem ajudá-los a aprofundar a compreensão dos textos. Essa perspectiva evita tanto a rejeição generalizada das tecnologias quanto a ideia de que sua simples utilização resolveria os problemas relacionados à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os desafios relacionados à leitura entre estudantes da educação básica, especialmente da rede pública, e compreender suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem e na formação crítica e social. A análise bibliográfica permitiu compreender que as dificuldades de leitura constituem uma problemática multifatorial,

ISSN: 2358-8829

relacionada não apenas ao interesse individual dos estudantes, mas também às condições sociais, culturais e econômicas, às oportunidades de acesso aos livros e a outros materiais de leitura e às práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar.

Os estudos analisados evidenciam que a formação de leitores exige ações pedagógicas contínuas, diversificadas e comprometidas com a construção de sentidos. Nesse processo, a escola desempenha papel fundamental ao proporcionar experiências de leitura que ultrapassem o uso exclusivo do livro didático e favoreçam o contato com diferentes gêneros textuais, linguagens e temas. Do mesmo modo, a biblioteca escolar, articulada ao trabalho dos professores e à atuação do bibliotecário, pode contribuir para ampliar o acesso à leitura e fortalecer sua presença no cotidiano dos estudantes.

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais também representam um aspecto importante dessa discussão. Embora a circulação acelerada de informações e a presença de múltiplos estímulos possam trazer desafios à concentração e à compreensão de textos, não é possível atribuir às tecnologias, isoladamente, a responsabilidade pelas dificuldades de leitura. Torna-se necessário, portanto, desenvolver práticas educativas que considerem as formas contemporâneas de acesso à informação e contribuam para que os estudantes leiam, interpretem e avaliem criticamente os conteúdos com os quais entram em contato.

Nesse sentido, as dificuldades de leitura repercutem para além das aulas de Língua Portuguesa, podendo criar obstáculos à compreensão de conteúdos de diferentes componentes curriculares, inclusive História, que exige a interpretação de textos, documentos, mapas, gráficos e outras fontes. A formação leitora também possui uma dimensão social e política, pois está relacionada à autonomia intelectual, à participação na sociedade e à capacidade de compreender criticamente a realidade. Essa perspectiva dialoga com Freire (2024), ao destacar a relação entre alfabetização e conscientização.

Diante disso, o enfrentamento dos desafios identificados requer o compromisso articulado das instituições escolares, dos profissionais da educação, das famílias, da sociedade e do poder público, com a valorização das práticas de leitura, a ampliação das oportunidades de acesso aos materiais e o fortalecimento de políticas públicas de incentivo à formação de leitores. A experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que motivou a escolha do tema, também reforça a importância da aproximação entre a formação inicial docente e a realidade da educação básica, permitindo reconhecer questões presentes no cotidiano escolar e refletir sobre possibilidades de intervenção pedagógica.

Por fim, é importante considerar que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, as conclusões se restringem às discussões e aos materiais analisados, não permitindo estabelecer

relações causais definitivas nem generalizar os resultados para todas as realidades escolares. Estudos futuros, especialmente aqueles que articulem a revisão bibliográfica à investigação empírica em escolas, poderão aprofundar a compreensão das relações entre condições sociais, práticas pedagógicas, acesso à leitura e tecnologias digitais. Conclui-se, assim, que promover a formação de leitores não deve ser entendido como uma responsabilidade exclusiva do estudante, mas como um compromisso educacional e social voltado à aprendizagem, à autonomia e à participação crítica na sociedade.

Palavras-chave: Leitura, Educação, História, Escola Pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 out. 2026.

DE BITENCOURT, Tamara Véras. **A leitura no contexto escolar**. Educação Por Escrito, v. 4, n. 2, p. 140-161, 2013.
GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. **O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola.** 2019.

MINAYO, Cecilia. Construção da identidade da antropologia na área da saúde. *In*: ALVES, P.C.; RABELO, M.C. (org). **Antropologia da saúde:** traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Ed.FIOCRUZ, 1998.

MOÇAMBITE, Jeieli Chalo; DOS SANTOS, Ruth Dias da Silva; MARQUEZ, Suely Oliveira Moraes. **Impactos da ausência de bibliotecários no incentivo à leitura na biblioteca escolar.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 6, p. 1236-1252, 2025.

OLIVEIRA, Ana Julia da Silva. **Entre o meio social e a escola: desafios para o ensino da leitura e seus impactos na aprendizagem.** 2025.
FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do Oprimido.** 88ºed. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 2024.

ROCHA, Lúrya. **Cultura da leitura em declínio e o avanço do "analfabetismo funcional" no Brasil.** Senado Notícias, Brasília, DF, 24 out. 2025. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2025/10/cultura-da-leitura-em-declinio-e-o-avanco-do-analfabetismo-funcional-no-brasil. Acesso em: 28 ago. 2026.